

*Carta-Homenagem ao Eliseu Savério Sposito*

*Antônio Elísio Garcia Sobreira*  
*Secretaria da Cultura do Estado da Paraíba*

Logo que fui convidado para expressar algumas palavras sobre minha vivência de orientação com Eliseu, lembrei-me de nossa primeira conversa após entrar no PPGG da FCT UNESP, quando ele me alertou de que eu devia pensar em fazer um projeto de vida e não o estrito de tese.

Este aconselhamento foi muito adequado, pois eu não via separação entre o pensar, a vida acadêmica e o que havia fora dela. Não sabia, no entanto, que estava selando um destino completamente diferente do que havia imaginado. Obviamente, esse diálogo ficou muito bem assentado dentro de mim.

Distante, percebo, hoje, que Eliseu já percebia como a academia estava modelando os novos estudantes de pós-graduação à *paperização*, enquanto a vida acadêmica no seu sentido mais amplo ia se perdendo ou sendo menos valorizada. O desconforto do produtivismo sendo visto como uma chave para o futuro científico, mas eivado de pessoas que não abriram mão da sociabilidade e das sutis construções subjetivas que provoca a humanização de todos nós.

Com essas palavras indico ao leitor e curioso que não tenho o mínimo desejo de fazer um relato epistemológico sobre a obra de Eliseu, já que tenho certeza que outros o farão com mais propriedade e eu que me afastei sem dor da academia para me tornar palhaço, não irei fazer uma escrita precária sobre a obra intelectual desse amigo.

O pensamento geográfico e a educação levaram-me à UNESP por indicação de Edvânia Torres, outra ex-orientadora e pesquisadora da UFPE,

que me sugeriu fazer esse projeto. Eu ainda estava eivado de educação e pensamento crítico de cunho marxista e tinha muita afeição pela educação social e transformadora. Pensei em juntar o pensamento geográfico e a formação de professores. Segui em 2005 meus estudos quase achando para onde eu queria ir.

Faço uma ressalva para quem trabalha com estudos do pensamento geográfico. Temos pouco dos afetos ao se tratar de um professor de nível superior. Casos, anedotas, passagens que ficam em conversas espalhadas e sem muita atenção ou quase como fofocas. Por exemplo, dizem que Kant era um ótimo professor de Geografia e que apaixonou Ritter. Elisée Reclus era muito querido pelos seus estudantes. Essa parte dos afetos e das relações acabam colocadas de forma secundária e mundana.

Eliseu gosta de jogar futebol, e ainda jogava em 2005. Se há algo que admiro em professores é sair de sua clausura acadêmica e bater um pandeiro, como Thomaz, sentar numa roda de conversa despretensiosamente no Bar do Makoto e viver uma comunidade em Presidente Prudente que eu nunca vivi na UFPB e na UFPE.

Na UNESP que conheci havia uma sociabilidade viável, possível e cultivável para quem quisesse perceber e vivê-la. Fui tomado de profunda paixão por essa acolhida que, para mim, foi, e é até hoje, um dos momentos mais felizes da vida. Isso é importante dizer, sem desprezar os que passam dificuldades e impasses no trabalho de tese e nem sempre possuem lembranças positivas deste período.

O quadro docente da UNESP sempre foi gentil e cooperativo comigo e um dia perguntei a Eliseu como foi essa trajetória e ele me disse que foi o primeiro professor jovem mestre que se apresentou e foi integrado ao curso de Geografia, também oriundo da casa e um cidadão de Presidente Prudente com raízes em Pirapozinho.

Nunca trabalhei num ambiente tão cooperativo e tão favorável ao pensamento e Eliseu contava-me que nem sempre foi assim e ele mesmo viu

*Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 13, v. 06, p. 152-159, mês Nov. Ano 2019.*  
ISSN: 1984-1647

essa transformação ocorrer e participou dela. Um ambiente acadêmico produtivo e de sucesso depende da dialética, mas também depende de algum nível de construção e que a franqueza não precisa ser hostil e belicosa. Dito isso, considero que Eliseu faz parte desse aprazível ambiente de trabalho que na minha origem acadêmica nem sempre foi feliz.

Um dos momentos mais desafiadores desse processo de orientação foi após uma defesa de doutorado da PPGG, na qual participou da banca o professor Vitte, que convidou a Eliseu para escrever um artigo para um livro sobre as influências de Kant na Geografia e a mim foi estendida a coautoria. A primeira coisa que me ocorreu foi um nó de três laços na garganta, já que havia tentado ler a *Crítica da Razão Pura* duas vezes e desisti após não ver nem um sentido naquilo que estava escrito. Achava repetitivo, achava circular e não via nem uma possibilidade intelectual de minha parte para desbravar aquele pensamento tão rebuscado. O desafio foi lançado, junto com um desespero gigantesco.

Só fui ler de verdade Milton Santos no mestrado e já tinha ficado bem feliz com os 10% que aprendi para passar numa seleção de doutorado. Ora, ler Kant, de cuja obra não havia ultrapassado a leitura de palavras, para agora ler, entender e produzir uma ideia foi avassalador. E respondi: Consigo! E lá dentro eu falava que estava numa enrascada descomunal.

A tarefa de estudar Kant, já para fazer um artigo, fez-me descobrir trabalhos do geógrafo estadunidense Hartshorne que, depois, deu origem a uma tradução nossa sobre sua busca sobre contatos entre Humboldt e Kant e se este último teria influenciado o primeiro. Também descobri os cadernos de ensino de Geografia de Kant e o que, de fato, ensinava nos cursos de verão, por 40 anos, que o coloca como o primeiro professor de geografia como se entende hoje no Brasil.

A aventura e o desafio de estudar Kant e a Geografia animou-me na medida em que percebi que a referência que Kant fez a revolução copernicana

na Filosofia, unindo racionalismo e empirismo, foi reveladora para se perceber que quase toda ciência ainda é feita dentro do kantismo e que a geografia é kantiana em todas as suas correntes, embora John May coloque dúvidas sobre isso na contemporaneidade.

Um jovem alemão estudante de Geografia que nos visitou em 2006 ficou surpreso de eu estar estudando Kant como sendo algo sem sentido, enquanto eu estava percebendo o kantismo em tudo e observava como isso era presente e como estava esquecida sua influência nas discussões metodológicas nas defesas de pós-graduação.

Por ser Kant um professor muito elogiado por seus alunos e por tê-lo intrigado o Emílio de Rousseau, fui impulsionado a ler o que era o pensamento pedagógico de Rousseau e, ao fim, era nada mais nada menos que a Geografia viva, do estudo de campo, da observação da sociedade e da natureza. Uma geografia que não se ensinava apenas nos livros.

O tempo e espaço como conhecimentos *a priori* me encantaram por ser obrigado a concordar que são conhecimentos inatos e que não aprendemos pela experiência e que todos os demais saberes são *a posteriori*. Tempo e espaço são intimamente racionais e independem de provas e experimentação, de todos os outros são exigidos a experiência, o empirismo e a sistematização.

Dessa base algumas reflexões de Milton Santos passaram a ter outro sabor e o espaço geográfico como sistema de ações e sistema de objetos era profundamente kantiano antes de estruturalista e histórico-dialético.

Conversamos mais sobre Kant e a Geografia do que sobre meu trabalho de doutorado. Aquele artigo acabou exigiria, ainda, muito mais aprofundamento, ao qual, todos sabem, jamais irei me lançar, nesta curta vida de exílio intelectual, não por satisfação ou insatisfação, mas por puro prazer de não aprofundar mais.

Neste ponto que a minha relação de orientando com Eliseu fica explicitada, pois ele sabia que eu tinha que ter liberdade intelectual, que meu trabalho era profundamente autoral. Colocava-me as questões e eu me debruçava a resolver. Engraçado que a maioria dos livros que ele me presenteou ou me fez ler não eram sobre a minha tese, mas sobre o pensamento, sobre a filosofia. Sempre me tratou como um colega pensador e eu achava muito importante esse tipo de tratamento. Nada mais importante para um doutorando se lançar nos estudos com aceitação de que as suas ideias e respectivas confrontações com o mundo acadêmico dependem de autonomia intelectual. É muito comum orientandos ficarem esperando o aval do orientador e não olhar para a necessidade de construir a autoria das próprias ideias para que, em dialética, se dialogue com alguém que tenha franqueza e perceba os riscos que em algum momento se faz a defesa de um construto intelectual.

Um exemplo desse confronto sadio decorreu de uma afirmação que produzi sobre a desimportância da Geografia Escolar, mas não ela em si, mas qualquer forma de educação que seja imposta e que ensinar uma geografia de forma obrigatória dificilmente cumpriria os objetivos intelectuais, políticas e competências que se espera desse ensino. Compreender que a Geografia é importante para a sociedade e para educação é compreender que se ela for empurrada de forma obrigatória não terá o efeito desejado.

Num desses diálogos Eliseu me perguntou se no ensino superior haveria forma de se realizar a educação anarquista. Comparei o estilo de três métodos que conheci: 1) aula expositiva, debate sobre bibliografia, seminários e artigo científico; 2) Oferta de textos, debates não dirigidos e artigo sobre tema preferencial; 3) aula expositiva, desconstrução de documento científico, exposição e artigo. O primeiro era mais tradicional e graduandos se sentiam mais orientados, o segundo permitia mais autonomia intelectual, mas os graduandos se sentiam perdidos e desconfortáveis, o terceiro provocava autonomia, desconforto e só funcionava com rigor. O que não diferenciava esses métodos é que em nem um dos casos o estudante era convidado a realizar seu plano de trabalho, precisavam ser guiados e dependentes do professor.

Assim, quanto mais guiado e mais rigoroso, mais o graduando se sentia estimulado a realizar a disciplina e quanto mais livre menos confortável e estimulado ele se sentia. Finalmente, disse que o melhor exemplo da pedagogia anarquista eram os grupos de pesquisa, onde o orientador tendia a se nivelar com o orientando, e aprender de forma horizontal e personalizada era o que mais próximo poderia haver do anarquismo como opção educativa em nível superior. Todos os estudantes que aderiram a um projeto com orientador, que eles admiravam, davam saltos intelectuais e de aprendizagem e se adaptavam a qualquer método de ensino, pois a aula e as avaliações eram parte insignificante do aprendizado para os que estudam com prazer.

Também eu quis jogar fora uma grande parte da discussão teórica, aquela que parece que não termina numa tese e que ninguém sabe para aonde vai aquela discussão interminável e sem sentido. Eliseu disse que era para manter, que era importante, mas eu jogaria 50% da tese no lixo, pois ela seria inacessível para o público de professores. Então, Eliseu aceitou que eu pedisse ao meu leitor que lesse a introdução e a conclusão e percorresse as charges e *cartoons* que inseri na tese. Não sei se funcionou, mas eu tentei livrar os interessados desse esforço que já não entendia como capaz de influenciar a prática que eles buscavam.

Em decorrência de afirmações desse tipo, muitos colegas e graduandos me perguntavam como era estudar o anarquismo e ser orientado por Eliseu que, ao ver desses colegas, era mais formal no tratamento do pensamento geográfico. Bem, eu respondia que não sei como era a relação com os outros, mas comigo o diálogo era franco, cheio de potencialidades e de muito respeito com o que estava escrevendo.

Eliseu sabia que eu queria realizar um trabalho imprestável, mesmo assim, insistiu para que eu relatasse e descrevesse o que deveria uma escola anarquista se propor a fazer. Eu recusei muitas vezes, não por não ter ideia, mas por que cada educador anarquista que se juntasse com iguais iria fazer

propostas únicas e não cabia a mim delinear isso, já que isso seria um tolhimento intelectual. Aceitei fazer essa descrição, pois entendi que, na prática, quem estivesse fazendo a educação democrática ou anarquista com seus pares saberia disso.

Na escolha da banca eu tive desejo de indicar estudiosos do anarquismo. Eliseu achava que seria pertinente chamar marxistas compondo pares dialéticos interessantes, mas eu insisti que só desejava ter estudiosos do anarquismo. Não que eu repudiasse a dialética, mas eu já sabia que estava migrando de um ensino autoritário para o autônomo, estava indo para a desescolarização, para a educação não obrigatória e que eu não teria nenhuma contribuição para a educação em massa. Naquele momento no Brasil eu desconhecia geógrafos anarquistas que trabalhassem com educação e a escolha de professor Vitte para a banca permitiu um diálogo inesperado e gratificante, pois todo estudioso sincero percebe bem cedo que só se aprende quando o pensamento é parte da liberdade que cada um busca.

Dizer que a geografia não deve ser ensinada, não quer dizer que não deva ser aprendida. Sem o respeito de Eliseu e o respeito intelectual que me dirigia eu não poderia ousar tanto. O óbvio é ousado.

De fato, o desafio, o aviso ou o convite para ter um projeto de vida acabou ocorrendo. Comecei participando com correção de Projetos do Circo Teatro Rosa dos Ventos, depois fotógrafo de espetáculos e, no mês de setembro de 2009, escrevi conjuntamente um projeto de Ponto de Cultura Prudente em Cena, comecei a estudar clarinete e defini que não iria participar de concursos públicos. Ingressei na vida cultural que me fez tornar palhaço, gestor e produtor cultural. Eliseu tentou mais algumas vezes para que eu abraçasse oportunidades de trabalho na academia e com a mesma generosidade da oferta vinha a compreensão de minha declinação aos convites.

Naquele período eu comecei a fazer colagens de adesivos que ganhava de empresas de impressão. Eu fazia combinações abstratas, de cores e contrastes e presenteava a amigos. Um desses eu nomeei “O Professor” e em uma

oportunidade eu vi que Eliseu gostou. Então o presenteei e surpreso fiquei quando o enquadrou e me mostrou na parede de sua casa.

Creio que o percurso de quem chegou até aqui no texto pudesse levar a um pressuposto teórico e de análise das contribuições científicas e epistemológicas na relação que tive com Eliseu nos nove anos que vivi em presidente Prudente. Não fiz um percurso teórico e se se fiz foi por descuido. Neste ano se completam 10 anos de conclusão do trabalho e confirmo que foi um dos períodos de maior felicidade de minha vida. Obrigado Eliseu.

#### Sobre o autor

##### **Antonio Elísio Garcia Sobreira**

Graduado em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba (2001) e obteve titulação de mestre em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (2003). Doutor em geografia pela Faculdade de Ciência e Tecnologia. UNESP. Presidente Prudente. Tem experiência na área de Geografia, atuando principalmente nos seguintes temas: produção cultural, arte educação social, pensamento geográfico, anarquismo, formação de professores, ensino e cidadania, agrotóxicos e meio ambiente. Atuou na auto-gestão do Ponto de Cultura Prudente em Cena-Federação Prudentina de Teatro e Artes Integradas- FPTAI, Pres. Prudente-SP e como palhaço, equilibrista, malabarista e músico excêntrico do Grupo de Circo Teatro Rosa dos Ventos, Pres. Prudente - SP e autor do blog: educanarquista.blogspot.com (2011-). Gerente de Identidade Cultural da Secretaria de Cultura do Estado da Paraíba (2015). Atualmente é Gerente de Identidade Cultura da Secretaria da Cultura do Estado da Paraíba.

#### Como citar essa homenagem

SOBREIRA, A, E, G. Carta-Homenagem ao Eliseu Savério Sposito. **Revista Geografia em Atos** (Geoatos online), v. 13, n. 06, p. 152-159, 2019.